

Senso. Revista de Estudos Fílmicos

Nasceu a *Senso*, a primeira revista que, no âmbito universitário, se assume como «especificamente dedicada aos estudos fílmicos». Este é, por si só, motivo suficiente para saudar esta iniciativa pioneira, desejando-lhe os maiores sucessos. Mas não só. A *Senso* estreia-se com um número particularmente bem concebido, ao qual não falta o arrojo de uma transparente «declaração de princípios»: ser «o ponto de convergência entre o crítico, o teórico e o historiador do cinema, o lugar de encontro do filme e do espectador».

Primeiro fruto de um projecto que aposta no aprofundamento dos estudos fílmicos, através da criação, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de um Instituto de Estudos Fílmicos, de um Arquivo de Imagens e da organização anual de Encontros de Cinema, a publicação desta revista de título sugestivamente significativo tem por director Abílio Hernandez Cardoso, responsável pelo trabalho desenvolvido na Sala de Estudos Cinematográficos da referida universidade.

Dividindo-se em três grandes áreas – Ensaios, Estudos, Documentos –, para além do Editorial e de um espaço final dedicado a informações e intitulado Noticiário, a revista, que veio à luz do dia em Outubro de 1995 e que terá dois números por ano, procura fazer jus, de modo equilibrado, aos objectivos que para si mesma enuncia: colocar lado a lado as duas grandes vertentes que sobre o cinema se debruçam, crítica e teoria (quer seja esta entendida numa perspectiva histórica, narratológica, comparativa, ou outra), de forma a salientar a utilidade de uma complementaridade conscientemente aceite e deliberadamente procurada e praticada. Neste primeiro passo os nomes escolhidos foram os de João Bénard da Costa, José-Augusto França,

José de Matos-Cruz e Fausto Cruchinho, no campo dos Ensaios, – sem esquecer o próprio Abílio Hernandez Cardoso –, bem como Roberto Nobre, no capítulo dos Documentos, a par dos dois Estudos sobre *Rashomon*, da autoria de Ana Margarida Noronha e José António Salazar da Gama. Vale a pena notar que, pese embora as diferentes perspectivas, formações e experiências dos seus autores, o conjunto destes trabalhos se afigura muito interessante e útil, manifestando até um relativo equilíbrio, se considerados os diferentes propósitos de cada artigo. Tratando-se de um número inicial, é manifesto o maior peso conferido à história do cinema, certamente com o intuito de situar o leitor em duas ou três questões de importância no que diz respeito ao cinema português, por um lado, e à história mundial do cinema, por outro – já que nos encontramos em plena fase de comemorações dos cem anos do cinema –, sendo de esperar, nos números seguintes, uma maior aposta em outros campos da teoria e sobretudo da crítica cinematográficas.

Quanto à concepção gráfica da revista, a cargo de António Barros, é sem dúvida de louvar, apresentando esta boas dimensões, papel de boa qualidade, uma mancha tipográfica equilibrada, que proporciona uma leitura agradável, e uma capa bem conseguida que, sem deixar de remeter, na sua discricção, para o universo universitário, joga com a possível sugestão cinematográfica e dinâmica, em termos ópticos, do título e letras que o constituem. Evidenciando uma revisão cuidada, que não deixou escapar gralhas e que se revelou rigorosa na uniformidade dos critérios gráficos adoptados, a *Senso* foi igualmente feliz na escolha das imagens e ilustrações, que procuram com frequência a analogia com o fotograma fílmico, por vezes tentando produzir determinados efeitos, como por exemplo o “zoom”, num dos artigos sobre *Rashomon*, introduzindo, assim, o indispensável movimento cinematográfico no estático suporte *scripto*. Num óbvio jogo entre a luz e a sombra e entre a transparência e a opacidade, optou-se por colocar separadores alternadamente translúcidos e negros entre as diversas secções da revista. O único senão neste capítulo é o de uma encadernação frágil, por processo de colagem, que não resiste ao manuseamento insistente

e repetido dos leitores mais entusiastas, ainda que cuidadosos, facto que será certamente corrigido numa próxima edição.

Parabéns, portanto, à equipa de Direcção e Redacção da *Senso*, pela oportunidade, bom gosto e pertinência do seu gesto empreendedor, que vem preencher uma gritante lacuna do meio universitário português, colocando a primeira pedra para a construção da obra sempre inacabada que é a reflexão aprofundada e sistemática acerca desse riquíssimo meio de expressão artística e dessa poderosa indústria dos nossos tempos que é o cinema.

Maria do Rosário Lupi Bello